

EMOÇÕES, COGNIÇÃO E VARIAÇÃO INTRALINGUÍSTICA E CULTURAL¹

Augusto Soares da Silva

Universidade Católica Portuguesa – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos

RESUMO

A hipótese central do presente estudo é a ideia de que as emoções têm uma base biológica, mas são social e culturalmente construídas. Como experiências fisiológicas condicionadas pela cultura e intersubjetivamente manifestadas, as emoções são permeáveis à variação social e a influências culturais. O modo como as emoções são conceptualizadas, percebidas, experienciadas, comunicadas, (não) controladas e avaliadas pode diferir entre sociedades e culturas e não só entre línguas diferentes como também dentro da mesma língua. Este estudo explora a conceptualização cultural das emoções nas duas principais variedades nacionais do português, isto é, português europeu (PE) e português brasileiro (PB). Assumindo uma perspetiva sociocognitiva da linguagem e implementando uma metodologia baseada em *corpus* e em perfis, o estudo integra uma análise qualitativa multifatorial, em termos de perfis onomasiológicos de traços semânticos e de metáforas conceptuais, de mais de um milhar de exemplos de RAIVA, ORGULHO e AMOR, extraídos de um *corpus* de blogues, e uma subsequente análise quantitativa multivariada. As diferenças na estruturação conceptual e na representação metafórica destas emoções entre PE e PB correlacionam-se com a cultura relativamente mais individualista e emocionalmente mais expressiva do Brasil e a cultura portuguesa, comparativamente mais coletivista. Os resultados do presente estudo trazem evidências empíricas sobre a variabilidade cultural das emoções numa mesma língua pluricêntrica e, num plano mais geral, sobre a interação entre emoção, linguagem, cognição e cultura e a importância da chamada “viragem social e empírica” da Linguística Cognitiva.

PALAVRAS-CHAVE: emoções, variação linguística, língua pluricêntrica, metáfora conceptual, corporização, cognição social, coletivismo vs. individualismo, metodologia multifatorial e multivariada, análise de *corpus*, português europeu e brasileiro

¹ Este estudo foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Projeto “Comparando a conceptualização de emoções no português europeu e brasileiro”, e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, como parte do Projeto UIDB/00683/2020 do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos

ABSTRACT

The main hypothesis of the present study is the idea that even though emotions have a biological foundation, they are socially and culturally constructed. As physiological experiences conditioned by culture and intersubjectively manifested, emotions are permeable to social variation and cultural influences. The way emotions are conceptualised, understood, experienced, communicated, (not)controlled and evaluated can differ between societies and cultures and, not only between different languages, but also within the same language. This study explores the cultural conceptualization of emotions in the two main national varieties of Portuguese, namely European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP). By adopting a sociocognitive view of language and by applying a corpus-based and profile-based methodology, this study combines a multifactorial usage-feature and metaphorical profile analysis of over one thousand examples of ANGER, PRIDE and LOVE from a corpus of personal-experiential blogs with their subsequent multivariate statistics modeling. The differences in the conceptual structuring and metaphorical representation of these emotions between EP and BP are consistent with the more individualistic, indulgent, and emotionally expressive culture of Brazil and the more collectivistic and restrained culture of Portugal. The results of the present study carry empirical evidence on the cultural variability of emotions in the same pluricentric language, more generally, on the interaction between emotion, language, cognition and culture, as well as on the importance of the so-called “social and empirical turn” in Cognitive Linguistics.

KEYWORDS: emotions, language variation, pluricentric language, conceptual metaphor, embodiment, social cognition, collectivism vs. individualism, multifactorial and multivariate methodology, corpus analysis, European and Brazilian Portuguese

1. EMOÇÕES, COGNIÇÃO E CULTURA

Nas três últimas décadas, a importantíssima dimensão humana que designamos por *emoções* e *sentimentos* tem sido objeto de vários estudos em diferentes áreas científicas, como as neurociências, a psicologia, a antropologia, a sociologia e, naturalmente, também a linguística. Estes estudos têm desenvolvido teorias diversas e até opostas sobre a natureza fisiológica, mental ou cultural das emoções, sobre a existência ou não das chamadas emoções *básicas*, sobre a universalidade ou a diversidade cultural das emoções e sobre o significado das emoções.

O principal debate sobre a natureza e o significado das emoções opõe a concepção universalista e psicofisiológica à concepção relativista e cultural das emoções. De um lado, estão os que argumentam que, uma vez que os seres humanos têm o mesmo corpo e, conseqüentemente, as mesmas experiências corporais fundamentais, é expectável que haja uma base universal na conceptualização das emoções (psicólogos como Ekman (1972, 1992), e Izard (1977, 1994); linguistas como Lakoff e Johnson (1980, 1999), Kövecses (1986, 1990, 2000) e Wierzbicka (1999). Defende-se, assim, que a universalidade da experiência corporal humana motiva a existência de conceptualizações universais das emoções e do pensamento abstrato em geral. Do outro lado, estão os que consideram que as emoções são construções culturais estabelecidas por determinado grupo social, pelo que não são universais nem inatas, mas construídas e adquiridas na interação social (antropólogos como D'Andrade, 1987; e Lutz, 1987; psicólogos como Mesquita, *et al.*, 1997; e Russel, 1991; linguistas como Geeraerts & Grondelaers, 1995; e Yu, 1995).

Um exemplo paradigmático deste debate encontramos-lo na área da linguística e entre linguistas do mesmo enquadramento teórico – a Linguística Cognitiva. Kövecses (1986, 1990) e Lakoff e Kövecses (1987) consideram que metáforas de emoções, como, por exemplo, RAIVA É CALOR, se fundamentam em aspetos universais da fisiologia e percepção humanas, pelo que esta metáfora conceptual da raiva é universal. Todavia, Geeraerts e Grondelaers (1995) contrapõem à aparente universalidade desta metáfora da raiva uma motivação fundamentalmente cultural e histórica, especificamente a grande influência da teoria popular medieval dos quatro humores (fluidos do corpo humano) e dos quatro temperamentos básicos (bílis amarela > colérico, bílis negra > melancólico, fleuma > fleumático e sangue > sanguíneo), que dominou o pensamento médico na Europa ocidental durante vários séculos, na conceptualização de raiva e de outras emoções. E Yu (1995) mostrou a importância da teoria popular das emoções baseada nos cinco elementos da natureza (madeira, fogo, terra, metal e água) na medicina chinesa.

A emoção interage com a cognição, a cultura e a linguagem. Os estudos neurobiológicos de Damásio (1995, 2000) demonstram como a cognição interage com a emoção. E Damásio (2004, 2017) evidencia em termos neurobiológicos a importância das emoções e dos sentimentos na

interação social e na criação de culturas. São as emoções e os sentimentos – distinguindo-se aquelas pela sua espontaneidade e exterioridade e estes pela sua permanência e interioridade – os mecanismos que impulsionam o intelecto humano na direção da cultura (Damásio, 2017). Nos seus estudos sobre o *cérebro emocional*, Ledoux (1996) mostra como as experiências emocionais têm o seu ponto de partida em partes do cérebro. Os recentemente descobertos neurónios em espelho revelam-se essenciais para a comunicação empática, naturalmente emotiva, e a própria emoção é o vetor neurobiológico da criação metafórica (ver Mc Geoch, 2007; e Castro-Caldas *et al.*, 2009). A estreita relação entre emoção/sentimento e cognição constitui uma das evidências do princípio epistemológico da *corporização* (“embodiment”) ou mente/cognição corporizada (“embodied mind/cognition”), fundador das ciências cognitivas de segunda geração, a partir dos anos 90. Mais especificamente, a psicologia cognitiva (e.g. Varela, Thompson & Rosch, 1991), a neurociência cognitiva (Edelman, 1992; Damásio, 1995, 2000), a fenomenologia contemporânea e a filosofia da mente (e.g. Gallagher, 2005, 2012) e a linguística cognitiva (Lakoff & Johnson, 1999; Gibbs, 2006), entre outras ciências cognitivas, convergiram na hipótese da *cognição corporizada*, no sentido de que o sistema conceptual está integrado no *corpo* do indivíduo, em todos os seus aspetos, tanto os físicos como os funcionais e os sociais. Mais recentemente, as ciências cognitivas têm reunido evidências convergentes sobre a *situacionalidade* (“situatedness”) *sociocultural* da cognição ou *corporização sociocultural* (“sociocultural embodiment”) e, assim, a interpretação da cognição como *cognição situada* ou *cognição social*, isto é, mentes individuais e processos cognitivos são configurados por interações sociais e culturais (ver, entre outros, Augoustinos, *et al.*, 2006; Bernárdez, 2008; Frank, *et al.*, 2008; Zlatev, *et al.*, 2008; Pishwa, 2009; Fiske & Macrae, 2012; Fusaroli, *et al.*, 2012; Gallagher, 2017). A perspectiva da *cognição social* faz, assim, a síntese do individual e do coletivo, do pensamento e da ação, do neuronal e do cultural, do cognitivo e do social, da mente e da comunidade.

A emoção está intrinsecamente presente na linguagem e a sua presença está patente em todos os domínios do funcionamento da língua: não apenas no léxico, mas também na gramática (fonologia, morfologia, sintaxe) e no discurso. Foolen (2012) aponta três domínios de relevância da emoção para a linguagem e a linguística: (i) a conceptualização

das emoções, através de diversas categorias linguísticas (não só nomes e verbos, mas também palavras funcionais, como preposições, como em *amor por, ódio contra*) quer em sentido literal quer, especialmente através da metáfora e da metonímia, em sentido figurado; (ii) a expressão das emoções, em todos os níveis do funcionamento da língua, donde a linguagem expressiva, também chamada emotiva ou afetiva; e (iii) a própria fundamentação da linguagem, no sentido de a emoção ser uma das pré-condições para o funcionamento de uma língua e o seu surgimento dar-se tanto ontogenética quanto filogeneticamente. Estudos psicolinguísticos mostram que o processamento da linguagem emocional é diferente do processamento da linguagem neutra (e.g. Glenberg *et al.*, 2005). Tomasello (2005) reúne provas psicolinguísticas e filogenéticas de como o desejo de partilhar emoções e/ou atitudes com os outros é um dos três motivos básicos para a cooperação característica da comunicação humana (os outros dois motivos são os desejos de solicitar e de informar).

O estudo da linguagem das emoções permite evidenciar como se condicionam, reciprocamente, linguagem, cultura e cognição e como a linguagem manifesta mecanismos cognitivos, processos de conceptualização e aspetos da experiência humana em todas as suas dimensões – individual, social, cultural e histórica. A Linguística Cognitiva muito tem contribuído para o estudo da linguagem das emoções e para o que estas revelam sobre a cognição e a linguagem (e.g. Niemeier e Dirven, 1997; Athanasiadou e Tabakowska, 1998; Palmer e Occhi, 1999; Kövecses, 1990, 2000; Soriano, 2005; Foolen *et al.*, 2012).

A hipótese central do presente estudo é a ideia de que as emoções têm uma base biológica, mas são social e culturalmente construídas. Como experiências corporalmente fisiológicas condicionadas pela cultura e intersubjetivamente manifestadas, as emoções são naturalmente permeáveis à variação social e a influências culturais. O modo como as emoções são conceptualizadas, percebidas, experienciadas, comunicadas, (não)controladas e avaliadas pode diferir entre sociedades e culturas. Diferenças na conceptualização e expressão de emoções mais facilmente se encontram entre línguas diferentes e, mais ainda, entre línguas tipologicamente distintas. Mas elas existem também intralinguisticamente, isto é, entre variedades de uma mesma língua. São essas diferenças, bem como as semelhanças,

entre o português europeu e o português brasileiro que pretendemos estudar, na sequência de estudos anteriores (Silva, 2000, 2021).

2. VARIABILIDADE CULTURAL DAS EMOÇÕES: INFLUÊNCIAS INDIVIDUALISTAS E COLETIVISTAS E OUTRAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS

Estudos psicológicos, sobretudo da área da psicologia social, e estudos linguísticos, especialmente de linguística cognitiva, têm mostrado que a cultura influencia as emoções em vários aspetos (ver, entre outros, os estudos psicológicos de Markus e Kitayama, 1991; Russell, 1991; Mesquita, *et al.*, 1997; Eid e Diener, 2001; Matsumoto, *et al.*, 2010, e os estudos linguísticos de Geeraerts e Grondelaers, 1995; Glynn, 2014; Ogarkova e Soriano, 2014). A obra coletiva organizada por Fontaine, Scherer e Soriano (2013) reúne vários estudos de psicologia social e alguns de linguística cognitiva sobre o modelo componencial GRID de análise do significado emocional numa perspetiva intercultural e interlinguística.

Um dos modos mais eficientes de a cultura influenciar as emoções tem a ver com a oposição, bem conhecida nos estudos culturais, entre individualismo e coletivismo. Esta oposição constitui uma das seis dimensões através das quais Hofstede (1980, 2001) desenvolveu, nos anos 80, um modelo de comparação e medição das culturas do mundo (as restantes dimensões culturais são distância hierárquica, masculinidade/feminilidade, controlo da incerteza, orientação a longo/curto prazo e tolerância).

As sociedades podem ser caracterizadas e diferenciadas do ponto de vista da importância que atribuem ao indivíduo (*individualismo*) ou à comunidade como um todo (*coletivismo*), donde o próprio conceito de identidade, definido ora pelas escolhas e pelos resultados individuais (*eu independente*) ora pelo comportamento de grupos coletivos a que um indivíduo pertence (*eu interdependente*). Embora individualismo e coletivismo estejam presentes em qualquer sociedade, há sociedades mais individualistas e sociedades mais coletivistas. As sociedades mais *individualistas* caracterizam-se por conferirem maior importância ao indivíduo, às características singulares de cada um, do que ao grupo a que esse indivíduo pertence. Nas sociedades *coletivistas*, o interesse do grupo prevalece sobre o interesse do indivíduo e as pessoas identificam-se como membros interdependentes de uma organização social estabelecida por um conjunto de direitos e deveres.

Considerando, por exemplo, a emoção de raiva, nas culturas coletivistas a raiva é predominantemente vista como uma emoção (mais) negativa, disruptiva da ordem social e da harmonia, devendo, por isso mesmo, ser (mais) controlada e contida a sua manifestação. Pelo contrário, as culturais individualistas veem a raiva como uma emoção relativamente mais positiva e socialmente mais aceitável, sendo aí, conseqüentemente, menos controlada e mais exteriorizada. Orgakova e Soriano (2014) desenvolveram um estudo de *corpus*, cognitivamente orientado, sobre a conceptualização metafórica da raiva em inglês, espanhol e russo, mostrando que as metáforas que enfatizam a negatividade e a necessidade de controlo da raiva são mais salientes nas sociedades russa e espanhola, mais coletivistas, do que na cultura inglesa, mais individualista. Tomando uma emoção distinta, a experiência do orgulho tende a orientar-se para as realizações e os êxitos pessoais em sociedades mais individualistas, sendo aí o orgulho socialmente mais aceitável e positivo, e até desejável. As sociedades mais coletivistas tendem, em contrapartida, a orientar o orgulho para os êxitos do grupo ou da comunidade e a considerar o orgulho pessoal como uma emoção mais negativa e disruptiva. Van Osch *et al.*, (2013) concluíram que o orgulho se caracteriza por uma frequência e intensidade menores e por uma avaliação mais negativa nas culturas asiáticas, por natureza mais coletivistas, do que em culturas mais individualistas como a norte-americana.

Outra dimensão cultural influente nas emoções é a distância hierárquica, que se relaciona com as desigualdades e com as diferenças na repartição do poder. Em sociedades de maior distância hierárquica, experienciar ou manifestar raiva para com pessoas de classes altas é socialmente reprovável. E quanto mais aceitáveis forem as desigualdades sociais, mais negativamente experienciado e avaliado é o orgulho. Uma outra dimensão cultural, particularmente influente em relação ao orgulho, é a religião, nomeadamente o cristianismo, que vê o orgulho como um pecado mortal, em oposição à humildade, considerada a maior virtude humana.

3. VARIAÇÃO CULTURAL DAS EMOÇÕES NUMA MESMA LÍNGUA: METODOLOGIA MULTIFATORIAL E MULTIVARIADA PARA A COMPARAÇÃO ENTRE PORTUGUÊS EUROPEU E PORTUGUÊS BRASILEIRO

Portugal e Brasil representam ambas culturas coletivistas. Há, porém, diferenças no coletivismo cultural dos dois países. O modelo de comparação intercultural de Hofstede (2001) aponta diferenças entre Portugal e Brasil nas seis dimensões culturais em análise, como representado na Figura 1: diferenças de distância hierárquica, grau de individualismo (ou coletivismo), grau de masculinidade (ou feminilidade), controlo da incerteza, orientação a longo/curto prazo e tolerância. São particularmente interessantes, para a comparação da conceptualização das emoções nos dois países, as dimensões culturais de individualismo, tolerância e distância hierárquica.

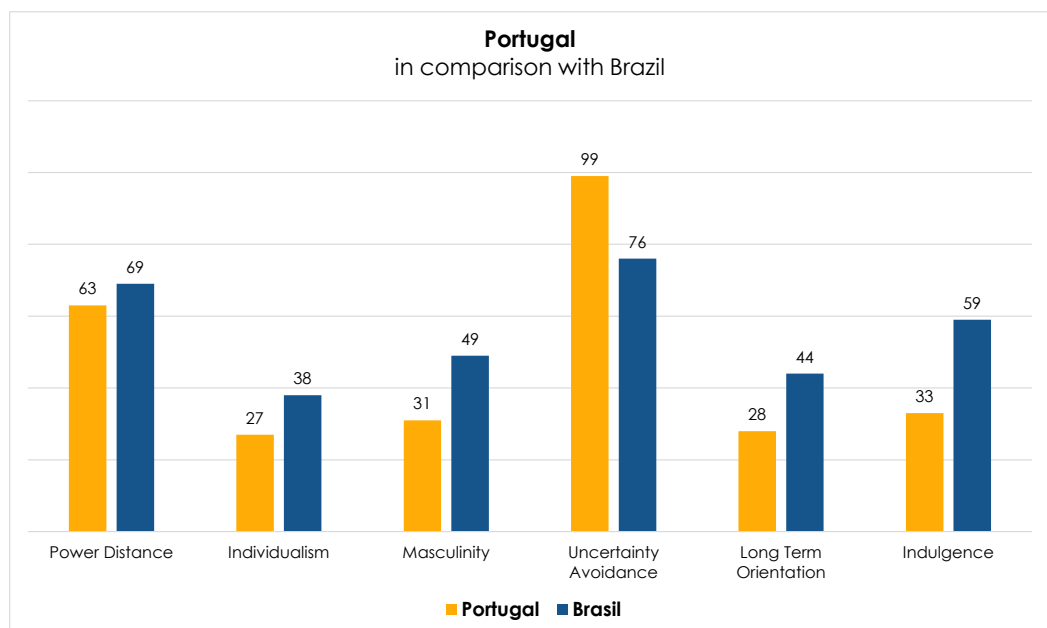


Figura 1. Portugal vs. Brasil (<https://geert-hofstede.com/portugal.html>)

Com a pontuação de 27 na escala de individualismo, Portugal é mais coletivista do que o Brasil, pontuado com 38 na mesma escala. De acordo com os resultados dos estudos de Hofstede, o coletivismo português manifesta-se num compromisso maior e mais duradouro com o grupo, seja a família de sangue ou outras “famílias” a que o indivíduo pertence. Além disso, a lealdade é considerada fundamental e prevalece sobre outras normas e regulamentações sociais. Outra dimensão cultural relevante na comparação é a tolerância, entendida

como grau baixo de controlo de desejos e impulsos. A pontuação elevada de 59 nesta dimensão é um indicador de que o Brasil é uma sociedade mais tolerante do que Portugal, com apenas 33. Quanto à dimensão da distância hierárquica, as diferenças entre os dois países são menores, recebendo o Brasil uma pontuação ligeiramente superior (69) à de Portugal (63).

Estes resultados devem, no entanto, ser considerados com reservas, sobretudo pelo facto de esta comparação cultural entre Portugal e o Brasil ter sido originariamente feita nos anos 80, numa altura em que a sociedade portuguesa era bastante diferente da atual.

Não obstante estas reservas, estudos culturais, sociológicos e antropológicos apontam também para um grau elevado de coletivismo na cultura portuguesa. Numa visão panorâmica da cultura portuguesa e integrando quer visões míticas quer teses modernistas e pós-modernistas, Real (2017, pp. 193-201) identifica, como “traços fundamentais da cultura portuguesa”, características coletivistas como os valores de gregarismo, generosidade, solidariedade e companheirismo, espírito de sacrifício, cultura do diálogo, em síntese, a procura do outro como aspeto definidor da própria identidade (ver também Santos, 1993). Um outro atributo do povo português é, de acordo com Real (1997, pp. 198-200), o seu temperamento lírico-sentimental e emocional, bem expresso na longa e rica história da literatura portuguesa.

A expressão das emoções é, porém, mais extrovertida e direta no povo brasileiro do que no povo português. Sociólogos, antropólogos e historiadores brasileiros, desde os clássicos, como Freyre (1933) e Holanda (1936), até aos mais recentes, como o estudo de antropologia das emoções de Rezende e Coelho (2010) e o estudo sociológico de Almeida (2007) sobre a “cabeça do brasileiro”, destacam a emotividade como uma característica definidora da identidade e da cultura brasileiras. Os brasileiros tendem a exprimir as suas emoções mais fácil e abertamente, de modo mais explícito e espontâneo, em comparação com outras sociedades e culturas.

Para analisar diferenças (e semelhanças) de conceptualização de emoções entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), propomos três métodos complementares: (i) dados empíricos de um *corpus* paralelo das duas variedades nacionais do português, (ii) métodos

qualitativos multifatoriais, especialmente a análise baseada em perfis onomasiológicos e (iii) métodos quantitativos de estatística multivariada, quer exploratórios (como a análise de correspondências múltiplas) quer confirmatórios (como a regressão logística). Um aspeto fundamental do estudo da conceptualização das emoções e da sua variação tem a ver com a linguagem figurada das emoções, especialmente as metáforas das emoções, porque reveladoras de aspetos cognitivos, culturais e variacionais das emoções. O estudo da linguagem figurada das emoções não pode, porém, deixar de lado o estudo da linguagem literal das emoções. Apresentaremos nas secções seguintes alguns resultados da aplicação destes métodos ao estudo das diferenças de conceptualização de três emoções no PE e no PB. Vejamos, de seguida, mais especificamente estes métodos e a sua operacionalização.

Como *corpus* adequado para o estudo das emoções, selecionamos blogues, especialmente de diários pessoais acerca de eventos pessoais, amor, sexo, família, amigos, trabalho, opiniões acerca de política, futebol ou outros desportos, religião, livros, filmes. Blogues literários e filosóficos são menos adequados. Os blogues com as características de diários pessoais são particularmente úteis para o estudo das emoções, porque as emoções são aí mais comunicadas e discutidas a nível pessoal e experiencial e porque o discurso desses blogues é narrativo e mais abertamente emocional.

Embora a expressão linguística das emoções seja transversal aos diversos domínios do funcionamento de uma língua, como referimos anteriormente, o domínio mais adequado para o estudo dos *conceitos de emoção* é o léxico e, de entre as categorias lexicais, são os nomes os que melhor concentram as respetivas emoções ou sentimentos.

Para a comparação da conceptualização de emoções no PE e no PB, contruímos um *corpus* de blogues (diários pessoais) das duas variedades nacionais, dos anos 2013-2015, com a extensão de 750.000 palavras. Selecionamos três emoções de natureza diferente: raiva, como uma das emoções consideradas “básicas” e uma emoção prototipicamente negativa; orgulho, como uma emoção autoconsciente, que implica consciência social e esforço cognitivo, e mais tipicamente social; e amor, como emoção, mais propriamente sentimento, mais específica, elaborada e complexa. Analisamos a emoção de RAIVA onomasiologicamente expressa em cinco nomes, que se distinguem entre

si quer conceptualmente (intensidade e manifestações da emoção) quer socialmente (registro de língua), nomeadamente *raiva*, *fúria*, *ira*, *cólera* e *irritação*. Deixamos de lado *aborrecimento*, *indignação* e *frustração* porque exprimem conceitos mais específicos. Para **ORGULHO**, analisamos *orgulho* e *vaidade*, procurando dar conta quer do orgulho mais genuíno quer do orgulho excessivo ou arrogante, e excluímos *altivez*, *presunção*, *arrogância* e *soberba*, porque exprimem conceitos mais morais do que emocionais e são de registro muito formal. Em relação a **AMOR**, foram analisados os lexemas *amor* (e seus derivados *amorzinho*, *mor*, *morzinho*) e *paixão*. A Tabela 1 apresenta o número de ocorrências contextualizadas das três emoções no *corpus* de blogues.

Tabela 1. Frequência de **RAIVA**, **ORGULHO** e **AMOR** no *corpus*

		PE	PB	TOTAL
RAIVA	<i>cólera</i>	9	15	24
	<i>fúria</i>	106	103	209
	<i>ira</i>	20	28	48
	<i>irritação</i>	29	23	52
	<i>raiva</i>	138	139	277
	Total	302	308	610
ORGULHO	<i>orgulho</i>	167	171	342
	<i>vaidade</i>	71	77	146
	Total	238	248	486
AMOR	<i>amor</i>	260	270	530
	<i>paixão</i>	77	73	150
	Total	337	343	680

Para a análise qualitativa das ocorrências das três emoções, utilizamos a metodologia dos perfis onomasiológicos (conhecida como “behavioral profile approach”: e.g. Geeraerts *et al.*, 1994; Gries, 2003, 2010; Divjak, 2010). O *perfil onomasiológico* de um determinado conceito é o conjunto de expressões alternativas que o designam, juntamente com as suas frequências relativas no *corpus*. São assim analisadas as escolhas conceptuais que os falantes de diferentes regiões e diferentes contextos sociais, culturais e comunicacionais efetivamente fazem de

entre diferentes expressões lexicais para nomear determinado significado ou conceito.

Todas as ocorrências das três emoções no *corpus* foram manualmente anotadas através de um conjunto de fatores (ou traços) semânticos, pragmáticos e socioculturais que compõem o significado das emoções. Para esta análise multifatorial dos conceitos de emoção, são particularmente úteis os estudos seminais de Kövecses (1986), de abordagem lexical da estrutura das emoções, e o modelo componencial GRID desenvolvido em psicologia social para o estudo intercultural das emoções com base em questionários (Fontaine, *et al.*, 2013). Determinados modelos descritivos desenvolvidos pela Semântica Cognitiva, como a semântica do protótipo (Geeraerts, 1989; e Taylor, 1995) e a semântica dos quadros conceptuais (“frame semantics”, Fillmore, 1985), são igualmente úteis.

O quadro conceptual (“frame”) de um evento de emoção compreende geralmente quatro argumentos: o Experienciador, ou pessoa que experiencia a emoção; a Causa da emoção, tipicamente um evento ou situação; o Responsável, tipicamente um argumento humano associado à Causa; e o Recetor, que pode ou não coincidir com o Responsável. Por exemplo, X (Experienciador) tem raiva de Y (Responsável) porque Y deu cabo do computador (Causa) e comunica essa raiva a Y (Recetor) ou a Z (Recetor). O Responsável é um argumento opcional, donde X (Experienciador) experiencia raiva por alguma razão (Causa) e manifesta essa emoção a Y (a outrem ou a si mesmo). Cada um destes argumentos é analisável em diferentes fatores: por exemplo, identidade (sexo, idade, classe social, locutor ou não, etc.), manifestações (fisiológicas, comportamentais), regulação (controlo) e intensidade emocional do Experienciador; tipo, natureza e previsibilidade da Causa. Um outro fator é a avaliação (positiva, negativa, neutra) do evento de emoção, sendo que outros fatores podem ser identificados em conformidade com a emoção específica. O modelo componencial GRID das emoções (modelo de psicologia social) analisa o significado das emoções com base em quatro dimensões: *valência* (polo positivo vs. negativo), *excitação* (ou intensidade), *regulação* e *poder*. Destas quatro dimensões resultam 142 componentes ou traços semânticos, que compõem os questionários para a análise do significado das emoções (ver Fontaine e Scherer, 2013). Kövecses (2000, pp. 40-46) identifica cinco

dimensões semânticas no significado (especialmente metafórico) das emoções e da afetividade em geral: *avaliação, regulação, intensidade, expressão* (externa vs. interna) e *somatização* (manifestação física, corporal das emoções).

A Tabela 2 apresenta um conjunto (incompleto) de fatores e correspondentes traços para a análise do significado das emoções que aplicamos às emoções de raiva, orgulho e amor. A análise de uma emoção em particular poderá ser complementada com outros fatores e traços mais específicos.

Tabela 2. Fatores e traços de conceitos de emoção

	FATOR	TRAÇOS
EXPERIENCIADOR	identidade	locutor M, locutor F, locutor-nós, M, F, coletivo, etc.
	reações fisiológicas	identificação de efeitos fisiológicos expressos em diversas partes (externas ou internas) do corpo
	reações comportamentais	identificação de atitudes ou comportamentos físicos, psicológicos, sociais, morais
	intensidade	alto, médio, baixo
	controlo	sim, não
CAUSA	tipo	física, psicológica, moral; comportamento, qualidade (física, psicológica, mental, moral); evento; inconveniência; objeto não animado; etc.
	controlo	controlável, não controlável
	previsível	sim, não
RESPONSÁVEL	identidade	Experienciador, outro, pessoa conhecida, pessoa não conhecida, estado de coisas, objeto não animado, etc.
	estatuto social	superior, inferior, igual
	intencional	sim, não
	participante	Causa, outro

RECETOR	identidade	Experienciador, outro, conhecido, não conhecido, etc.
	estatuto social	superior, inferior, igual
	comportamento	reação comportamental (física, psicológica, moral), sem expressão
	participante	Responsável, outro
AVALIAÇÃO		positivo, negativo, neutro

Vamos ilustrar a análise qualitativa multifatorial com alguns exemplos de RAIVA retirados do corpus de blogues.

- (1) *João saiu desvairado, vermelho como um pimentão, a bufar e a praguejar como nunca ouvira. Suava em bica e gesticulava dando murros no ar, pontapés nos pneus, em profunda **cólera**. [...]. Fomos roubados! (Portugal, twihistorias.txt)*
- (2) *Estou com muita **raiva** da dona do luartizados eu sei que ela tem a vida dela mais vc ta pensando que so pq essa menina que ta ai que vamos combinar que a web é horrivel mais vc tem que saber que nem todo mundo le a web dela a gente entra aqui e so ve aviso e web dessa matraca porra (Brasil, luartizados.txt)*
- (3) *Fiquei vermelho de **raiva**, pensei até em dar um pequeno sermão sobre o assunto, mas depois ponderei e percebi que ele também se empenha em mudar (Brasil, jornaldecaruaru.txt)*
- (4) *Alice vê no computador o seu extrato bancário, ficando muito nervosa por ver que tem pouco dinheiro. [...] Cada vez mais irritada, decide ligar para Romão, mas sem sucesso. Alice grita, num acesso de **fúria** (Brasil, novelasebiografias.txt)*
- (5) *Lembra-te daqueles dias em que estavas naquele inferno [violência doméstica] e não tinhas como escapar. Agora és livre, goza estes momentos pois são de vitória... E para seguires em frente, transforma a tua **raiva** em força... e serás o que sempre foste... uma mulher!!! ((Portugal, albergueespanhol.txt)*
- (6) *Agora estava simplesmente com **raiva** de mim própria por ultimamente ter um dom especial para me pôr em perigo eminente (sic). (Portugal, andrusca95.txt)*

A manifestação comportamental do Experienciador da raiva é a violência verbal, gestual e física em (1) e (4); o protesto verbal em (2);

a expressão social, falando sobre a sua raiva sem violência, em (3) e, potencialmente, em (5); e a autodepreciação em (6). Manifestações fisiológicas da raiva encontram-se nos exemplos (1), (3) e (4), respectivamente, não contenção ou explosão, rubor na face e grito. O Experienciador está envolvido com o Responsável da raiva em (2), (3) e (6), ao contrário dos restantes exemplos, porque o Responsável não é aí especificado ou é desconhecido. O grau de agressão do Experienciador da raiva é alto em (1) e (4), médio em (2) e (6) e mínimo em (3) e (5). O Experienciador procura controlo ou de algum modo tem controlo, no sentido de poder mudar a causa da raiva, em (5) e potencialmente em (1), mas o mesmo não acontece em (2), (3) e (4).

A causa da raiva é o comportamento imoral do Responsável (1, 5), uma qualidade intrínseca (6, 3, 2), um objeto não animado (4 e, parcialmente, 2), podendo ser também alguma inconveniência. A causa da raiva configura uma violação de normas em (1) e (5). É imprevisível em (1)-(4) e previsível, no contexto de violação continuada de uma norma, em (5). Em (6) não é possível determinar a previsibilidade da causa.

O Responsável pelo evento de raiva é alguém não conhecido ou não especificado em (1), um objeto não animado em (4) e uma pessoa conhecida nos restantes exemplos. O Responsável é de estatuto superior ao Experienciador em (5) e (2), igual em (3) e (6) e o seu estatuto é desconhecido em (1). O Responsável é a causa da raiva em todos os exemplos, exceto em (4), porque não conhecido. Recetor e Responsável sobrepõem-se em todos os exemplos, exceto em (4) e, parcialmente, em (5). Finalmente, a experiência de raiva é positivamente avaliada em (5) e negativamente avaliada nos restantes exemplos.

Os dados extraídos do *corpus* (totais de ocorrências das três emoções, indicados na Tabela 1) e anotados em termos da análise qualitativa multifatorial de fatores e traços (Tabela 2) são submetidos a modelação estatística, especialmente métodos de estatística multivariada. A *análise de correspondências múltiplas* permite identificar e visualizar associações de traços (semânticos, pragmáticos, socioculturais ou outros) com base na sua frequência, isto é, *clusters* semânticos que descrevem a estruturação conceptual de determinada emoção e que correspondem a *significados* dessa emoção. A *análise de regressão logística* serve para determinar a precisão descritiva e o poder preditivo dos resultados obtidos através da análise de correspondências múltiplas. No presente

estudo, a regressão logística permite identificar os preditores da variação entre PE e PB.

4. ESTRUTURAÇÃO CONCEPTUAL DE EMOÇÕES E VARIAÇÃO PE VS. PB

O método estatístico exploratório de análise de correspondências múltiplas aplicado às 610 ocorrências de RAIVA, 486 ocorrências de ORGULHO e 680 ocorrências de AMOR do corpus de blogues PE-PB (Tabela 1, acima), anotadas com base num conjunto de traços semânticos, pragmáticos e socioculturais (Tabela 2 e exemplos de anotação, na secção anterior), revelou *clusters* de traços de estruturação conceptual de cada uma das emoções estudadas (para os respetivos mapas de análise de correspondências múltiplas e os detalhes técnicos da aplicação deste método estatístico às emoções de orgulho e raiva, ver Silva, 2020, 2021).

A emoção de RAIVA mostra-se conceptualmente estruturada em três principais *clusters* de traços. O primeiro associa os traços 'comportamento imoral' e 'violação de normas' como causas específicas da raiva, 'pessoa não especificada' como Responsável, reação do Experienciador de 'violência' e 'controlo' do Experienciador em ordem a alterar a causa moral ou socialmente inaceitável de raiva. Esta associação de traços representa o que podemos designar como *raiva violenta* causada por comportamentos imorais e violação de normas. O segundo associa os traços 'inconveniência' (especificamente, doença, excesso de trabalho, mau tempo, azar, privação de algo ou outra inconveniência) como causa mais saliente da emoção, e 'evento' e 'objeto não animado' como causas alternativas, 'queixa, reclamação' como resposta do Experienciador, 'estado de coisas' e 'objeto não animado' como Responsável pelo evento emocional e ainda 'avaliação positiva', justificando, assim, a experiência de raiva face a inconveniências ou adversidades. Designemos este tipo de raiva como *queixume* ou irritação, causado por inconveniências. Finalmente, um terceiro *cluster*, situado entre os dois anteriores, mas mais próximo do primeiro, associa os traços de 'expressão social' como resposta do Experienciador, 'sentimentos' e 'injustiça' como causas da raiva e membro da 'família' ou 'namorado/a, cônjuge, amigo' do Experienciador como Responsável do evento emocional. Este grupo representa a *raiva interpessoal*, porque causada pelo comportamento de pessoas da esfera íntima do Experienciador (familiares, namorados, amigos). Um quarto *cluster*, menos saliente e

mais limitado em número de traços, associa 'eu' como Responsável, 'autodepreciação' como resposta do Experienciador e 'qualidade intrínseca' do Experienciador como causa da emoção. Os cinco nomes de raiva analisados estão próximos dos três primeiros *clusters*, com algumas diferenças, embora subtis. Os lexemas *fúria* e *ira* estão mais próximos, como se esperava, do *cluster* da raiva violenta, mas é mais *cólera* do que *irritação* que está mais próximo do *cluster* da raiva-queixume. O hiperónimo *raiva* mostra-se mais associado aos *clusters* de raiva não controlada, isto é, à raiva interpessoal e à raiva-queixume.

A análise estatística revelou dois *clusters* de traços de ORGULHO. De um lado, o *cluster* com os traços 'orientação para si próprio' (Experienciador), 'satisfação (pessoal)' e 'avaliação negativa' e outros traços também associados, como 'qualidade do próprio' e 'posição/estatuto social' como causas do orgulho, 'sucesso do próprio' e 'qualidades do próprio' ("sou bom") como Responsável pelo sucesso pessoal, 'manifestações comportamentais' do Experienciador e 'intensidade alta'. Trata-se do *orgulho de si próprio*. Do outro lado, o *cluster* do *orgulho pelo outro*, associando os traços opostos de 'orientação para o outro', 'admiração (pelo outro)', 'avaliação positiva' e também 'qualidade do outro', 'realização do outro', 'pertença a um grupo' como causa do orgulho, 'outro' como Responsável pelo sucesso e 'papel indireto' do Experienciador na causa do orgulho. O lexema *vaidade* está claramente mais próximo do *orgulho de si próprio*, ao passo que o lexema *orgulho* se situa associado aos dois *clusters*, o que valida o uso do nome *orgulho* como sinónimo de *vaidade*.

Quanto a AMOR, o mapa de análise de correspondências múltiplas apresenta três *clusters* de traços. Um é constituído pelos traços 'comportamento amoroso visual' e 'comportamento sexual íntimo' como reações comportamentais, e ainda 'carinho', 'ternura', 'amizade', 'admiração', 'respeito', 'proteção' como atitudes emocionais do Experienciador. É o *cluster* do *amor apaixonado*. Um outro associa os traços 'desejo sexual' como atitude emocional, 'manifestação sexual' como efeito fisiológico e 'sexo' como reação comportamental do Experienciador. É o *cluster* do *amor erótico*. O terceiro *cluster* agrega os traços 'passividade' comportamental, 'sacrifício' como atitude emocional, 'não controlo' do Experienciador, 'não harmonia' e 'avaliação negativa', constituindo o *amor triste* ou *trágico*.

Como é que PE e PB se posicionam em relação a estes *clusters* de traços das três emoções analisadas? Mais precisamente, que traços ou *clusters* de traços das emoções de raiva, orgulho e amor são preditores da variação entre PE e PB? A resposta é dada pela análise de regressão logística. A Tabela 3 identifica os preditores da variação PE/PB, apresentando-os de forma simplificada (ver valor de *p*); todos os restantes traços semânticos, pragmáticos e socioculturais não têm significância estatística (valor de *p* estatisticamente não significativo).

Tabela 3. Análise de regressão logística de RAIVA, ORGULHO e AMOR: preditores da variação PE vs. PB

		B	S.E.	p
RAIVA	controlo do Experienciador_sim	1.562	.213	<.001
	atitude do Experienciador_ expressão social	1.219	.389	.002
	causa_objeto	-1.225	.618	.047
	avaliação_positiva	-1.992	.794	.012
ORGULHO	causa_pertença a um grupo	-1.035	.496	.037
	causa_família	-1.420	.622	.023
	causa relevante para Experienciador	.581	.273	.033
AMOR	reação do Experienciador_ comportamento sexual íntimo	1.050	0.535	.049
	reação do Experienciador_ comportamento visual amoroso	1.911	0.696	.006

Nota: PE foi codificado como 1 e PB como 0 em RAIVA; PE foi codificado como 0 e PB como 1 em ORGULHO e AMOR.

Quatro traços de RAIVA emergem como preditores da variação entre PE e PB: 'controlo' do Experienciador sobre o evento emocional e 'expressão social' como resposta emocional do Experienciador são preditores de PE; 'objeto não animado' como causa da raiva e 'avaliação positiva' são preditores de PB. Estes resultados confirmam que o PE está mais associado aos *clusters* de raiva violenta, causada pelo comportamento imoral e violação de normas, e de raiva interpessoal, causada pelo comportamento de pessoas íntimas. Esta associação está em linha com a cultura portuguesa, relativamente mais coletivista, restritiva e de maior controlo de impulsos. Por sua vez, o PB mostra-se mais associado a causas não animadas de raiva e a uma avaliação positiva

de uma emoção prototipicamente negativa, o que se correlaciona com uma cultura relativamente mais individualista, mais tolerante e emocionalmente muito expressiva, como é a cultura brasileira.

Em relação a **ORGULHO**, temos três preditores: 'pertença a um grupo' e 'família', como causas de orgulho, são preditores de PE e 'relevância da causa para o Experienciador' é o preditor de PB. O PE está, assim, mais conectado com o *cluster* do *orgulho pelo outro*, o que combina com uma cultura mais coletivista, ao passo que o PB está mais próximo do *orgulho de si mesmo*, o que se adapta a uma cultura mais individualista.

A regressão logística mostra apenas dois preditores da variação PE/PB em amor: 'comportamento visual amoroso' e 'comportamento sexual íntimo' como reações comportamentais do Experienciador são preditores de PB. Quer isto dizer que o PB está mais associado ao *amor-paixão*, pondo mais ênfase na própria experiência emocional e no momento presente do que na relação entre os amantes e no seu desenvolvimento futuro. Esta associação condiz com uma cultura mais individualista e emocionalmente mais expressiva e aberta. Embora a regressão logística não tivesse produzido mais nenhum preditor, uma análise complementar, isolando os traços dos conceitos de 'amor feliz' e 'amor triste', como na Tabela 4, mostrou que o PE está mais associado ao *amor triste* ou *amor trágico* do que o PB (o resultado do teste do qui-quadrado χ^2 é elucidativo: $p < .0001$).

Tabela 4. AMOR triste vs. feliz e variação PE vs. PB

		AMOR triste		AMOR feliz		
		PE	PB	PE	PB	
RELAÇÃO	não-harmonia	74	58	harmonia	186	212
RELAÇÃO TEMPORAL	acabar	73	45	começar, manter	187	225
DIRECIONALIDADE	para baixo	56	46	para cima	204	224
INTENSIDADE	baixo	12	12	alto	248	258
COMPORTAMENTO	passividade	14	10	atividade	246	260
PRAZER	não+dor	12	4	sim	248	266
ATITUDE EMOCIONAL	sacrifício	5	2	felicidade, etc.	255	268

MUTUALIDADE	não	82	60	sim	178	210
AVALIAÇÃO	negativa	14	5	positiva	246	265
TOTAL		342	242		1998	2188

	PE	PB
AMOR triste	342 14,62%	242 9,96%
AMOR feliz	1998 85,38%	2188 90,04%
$\chi^2=23,63$, $df=1$, $p=.0001$, <i>Cramer's V</i> =0,071		

5. METÁFORAS DAS EMOÇÕES E VARIAÇÃO PE VS. PB

A mesma metodologia baseada em perfis onomasiológicos foi aplicada às metáforas de emoções. O *perfil metafórico* de um conceito de emoção é o conjunto de padrões metafóricos alternativos usados para designar esse conceito, juntamente com as suas frequências relativas no *corpus*. Para a identificação de metáforas de emoções seguimos o método de análise de padrões metafóricos proposto por Stefanowitsch (2006). Este método consiste em procurar expressões metafóricas que contenham palavras do domínio alvo do mapeamento metafórico. A identificação de um *padrão metafórico* baseia-se na construção sintático-semântica em que o lexema alvo ocorre. Por exemplo, a expressão metafórica *ataques de fúria* pertence ao padrão metafórico "ataques SP", no qual podem ocorrer outros lexemas do domínio alvo como *ataques de raiva* ou do domínio origem como *ataques de armas*. O padrão *ataques de fúria/raiva* instancia a metáfora conceptual RAIVA É ARMA.

Para a classificação das metáforas conceptuais de raiva, orgulho e amor, seguimos as classificações seminais de Kövecses (1986) e de Lakoff e Kövecses (1987) e, no caso de raiva, a revisão do inventário original proposta por Soriano (2005, 2013) e Ogarkova e Soriano (2014).

Os padrões metafóricos de RAIVA, ORGULHO e AMOR foram manualmente extraídos do *corpus* e classificados em metáforas conceptuais. De todas as ocorrências dos nomes das três emoções, cujas frequências absolutas no *corpus* apresentamos acima, na Tabela 1, isolamos as que instanciam padrões metafóricos e classificamos cada uma em termos de metáfora

conceptual. Na presente fase do desenvolvimento da investigação, restringimos a análise da conceptualização figurativa das emoções à metáfora, não incluindo, pois, a metonímia nem outras expressões figurativas (está ainda em curso a análise de metáforas de amor). Convém, no entanto, notar que a conceptualização figurativa das emoções combina metáfora e metonímia (ver a metonímia geral EFEITOS FISIOLÓGICOS DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO), constituindo um caso paradigmático de *metafonímia* (Goossens, 1990). Os resultados que apresentamos a seguir, ao longo desta secção, retomam a análise detalhada e desenvolvida de Silva (2021).

A Tabela 5 apresenta a frequência dos usos literais e metafóricos dos cinco nomes de RAIVA e dos dois nomes de ORGULHO analisados no corpus de blogues do PE e do PB. A conceptualização metafórica das duas emoções é claramente mais frequente do que a sua expressão literal, exceto no caso de *orgulho* no PB. Verifica-se também que o PE é mais permeável à estruturação metafórica das duas emoções do que o PB e as metáforas de RAIVA são mais frequentes dos que as metáforas de ORGULHO. A divergência maior entre PE e PB diz respeito à (não) figuratividade de ORGULHO.

Tabela 5. Usos literais e metafóricos de RAIVA e ORGULHO NO CORPUS

		PE			PB		
		tokens	literal	metafórico	tokens	literal	metafórico
RAIVA	<i>cólera</i>	9	0	9	15	0	15
	<i>fúria</i>	106	8	98	103	7	96
	<i>ira</i>	20	3	17	28	6	22
	<i>irritação</i>	29	13	16	23	7	16
	<i>raiva</i>	138	25	113	139	48	91
	Total	302	49 16,2%	253 83,8%	308	68 22,1%	240 77,9%
ORGULHO	<i>orgulho</i>	167	56	111	171	116	55
	<i>vaidade</i>	71	9	62	77	38	39
	Total	238	65 27,3%	173 72,7%	248	154 62,1%	94 37,9%

As Tabelas 6 e 7 apresentam as frequências de todas as metáforas

conceptuais de RAIVA e de ORGULHO, expressas pelos lexemas indicados na Tabela 5, encontradas no *corpus*. Na tabela 7, referente a ORGULHO, simplificamos a primeira metáfora conceptual, fazendo a distinção entre fluido (ainda) DENTRO e (já) FORA do corpo.

Tabela 6. Frequência das metáforas conceptuais de RAIVA no *corpus*

METÁFORAS CONCEPTUAIS	PE	PB
RAIVA É...		
FLUÍDO PRESSURIZADO	62 (24.51)	54 (22.50)
Quente	5	0
Subida	8	5
Pressão	24	7
Contrapressão	1	0
Contenção	6	9
Para Fora	3	0
Explosão	15	33
FOGO	4 (1.58)	2 (0.83)
DOENÇA	3 (1.19)	1 (0.42)
INSANIDADE	19 (7.51)	35 (14.58)
ANIMAL AGRESSIVO	6 (2.37)	10 (4.17)
OPONENTE NUMA LUTA	14 (5.53)	24 (10.00)
FORÇA DA NATUREZA	2 (0.79)	2 (0.83)
ARMA	19 (7.51)	12 (5.00)
FORÇA	10 (3.96)	5 (2.08)
ENTIDADE FÍSICA	29 (11.46)	42 (17.50)
Objeto (In)Visível	3	14
Posse	9	4
Objeto movido	0	1
Objeto movente	5	11
Objeto	3	0
Comida	1	2
Intensidade é tamanho	4	3
Substância	3	5
Veneno	1	1
Intensidade é qualidade	0	1
ORGANISMO VIVO	12 (4.74)	7 (2.92)
Planta	2	0
Animal	0	0
Humano	10	7
LUGAR	3 (1.19)	0 (0.00)

PERIGO/AMEAÇA	1 (0.40)	2 (0.83)
DIABO	3 (1.19)	0 (0.00)
IDEIA	7 (2.77)	5 (2.08)
O CORPO É RECIPIENTE DE RAIVA	59 (23.32)	39 (16.25)
Peito	0	1
Grito	11	5
Olhos	8	4
Face	16	11
Mãos	2	1
Cabeça/Mente	1	2
Boca	1	0
Pele	1	0
Cheiro	0	1
Voz	19	14
Total	253	240

Consideramos expressões como *ter raiva/orgulho*, *estar/ficar com raiva/orgulho*, *causar raiva/orgulho*, *muita raiva/muito orgulho*, *(ai) que raiva!* como não metafóricas (nem metonímicas). Embora estes usos possam ser classificados como metafóricos – instanciando as metáforas RAIVA/ORGULHO É UMA ENTIDADE FÍSICA, INTENSIDADE É QUANTIDADE E O CORPO É UM RECIPIENTE DE RAIVA/ORGULHO –, são expressões fortemente generalizadas e convencionalizadas e, mais do que isso, não contêm nenhuma palavra que possa desencadear a interpretação metafórica, ao contrário de expressões como *estar cheio de raiva/orgulho* e *ter uma raiva/um orgulho enorme*. Além disso, procuramos evitar inflacionar a frequência de metáforas de raiva e orgulho. Convém, por outro lado, notar que há metáforas de raiva e orgulho instanciadas em expressões que não contêm os lexemas nominais selecionados, como *cabeça quente* (que instancia a mesma metáfora que *vermelho de raiva* e *a ferver de raiva*) ou *peito inchado* (instanciando a mesma metáfora que *inchado de orgulho*). Estas expressões metafóricas não foram incluídas na análise.

Tabela 7. Frequência das metáforas conceptuais de ORGULHO no corpus

METÁFORAS CONCEPTUAIS	PE	PB
ORGULHO É...		
FLUÍDO PRESSURIZADO	9 (5.20)	10 (10.64)
Dentro	4	7
Fora	5	3

FOGO	1 (0.58)	0 (0.00)
OPONENTE NUMA LUTA	11 (6.36)	11 (11.70)
FORÇA DA NATUREZA	1 (0.58)	1 (1.06)
FORÇA	7 (4.05)	2 (2.13)
Energia	3	1
Luz	4	1
ENTIDADE FÍSICA	51 (29.48)	37 (39.36)
Posse	16	16
Valor económico	14	5
Objeto (In) Visível	12	6
Objeto movente	2	0
Roupa	2	0
Comida	0	1
Jogo	0	1
Mecanismo	0	1
Espelho	0	1
Substância	1	5
Símbolo	4	1
PESSOA	65 (37.57)	22 (23.40)
Má	0	4
Cego	0	1
Justo	0	1
Fama	1	0
Honra	35	3
Doença	0	1
Ilusão	4	0
Princesa	2	0
Correto	5	0
Sensual	4	0
Pecado	3	0
Snob	1	0
Estúpido	2	1
Superior	2	2
Não especificado	0	6
Vítima	6	3

O CORPO É UM RECIPIENTE DE ORGULHO	28 (16.18)	11 (11.70)
Costas	0	1
Sangue	2	0
Peito	0	1
Olhos	2	2
Face	3	0
Gesto	2	1
Mãos	0	0
Cabeça/Mente	4	1
Coração	2	1
Dor	1	0
Costelas	1	0
Cheiro	1	0
Alma	1	0
Não especificado	1	0
Voz	8	4

Vamos analisar algumas destas metáforas com base em exemplos contextualizados do *corpus* de blogues. Por limites de espaço, a análise é necessariamente parcial. Uma das conceptualizações mais salientes de raiva e orgulho é a metáfora do FLUIDO dentro do corpo, como exemplificado em (7)-(12). Quando a emoção aumenta de intensidade, o fluido aquece e começa a ferver (7), sobe dentro do corpo do Experienciador (8) até que não haja mais espaço e o corpo incha. O Experienciador pode resistir à pressão, exercendo uma contrapressão ou contendo o fluido e impedindo que ele saia, como em (9) e (10). Caso contrário, o Experienciador perde controlo (ou não pretende exercer controlo) sobre a emoção e, conseqüentemente, o fluido sai de dentro do corpo ou explode, como em (11) e (12).

- (7) *De cada vez que o meu sangue começa a **borbulhar de irritação** por alguma malfeitoria, mentira, distorção ou golpe baixo [...] (Portugal, albergueespanhol.txt)*
- (8) *Senti uma **raiva a crescer dentro de mim**, como nunca tinha sentido por ninguém. (Portugal, andrusca95.txt)*
- (9) *apesar dos flavienses, e dos restantes portugueses, estarem animados de uma **fúria contida**, ela não vai permanecer assim indefinidamente (Portugal, jmadureira.txt)*
- (10) *O silêncio esconde o **orgulho** e a prece: “**Prendo-te** óh irreverente sentimento? **Guardo-te dentro de mim** ou não?” (Portugal, amartinsr.txt)*
- (11) ***Descarreguei** meus sentimentos de **raiva**, dor e medo que represava desde criança, devido a uma educação*

preconceituosa! (Brasil, amoscaqueperturbaoteusono.txt)

(12) *Eu, euzinha, estou a **rebentar de orgulho** – e nem estava muito à espera de tal isto... A rebentar de orgulho! E sabem quando ficamos assim inchadíssimos de orgulho? Pois e assim que eu estou.* (Portugal, donadecasa.txt)

Raiva e orgulho podem ser conceptualizados também como fogo dentro do Experienciador, como em (13) e (14).

(13) *Sua pose arrogante **atíça a ira** do espectador* (Brasil, cineugenio.txt)

(14) *Os homens são **clarões de orgulho e raiva** e prometem combater sem descanso contra o inimigo.* (Portugal, jmadureira.txt)

Ainda dentro do mesmo modelo cognitivo metonímico dos efeitos fisiológicos das emoções, a raiva pode ser metaforicamente conceptualizada como DOENÇA (15), mais tipicamente como distúrbio psicológico que conduz ao comportamento irracional e violento, especificamente COMO INSANIDADE, frequentemente expressa como loucura ou cegueira (16) e na forma de *ataques de raiva/fúria*. A irracionalidade e a violência da raiva podem também ser conceptualizadas pela metáfora do ANIMAL AGRESSIVO e perigoso, como em (17). A ideia de perigo é também conceptualizada pela metáfora do Oponente numa luta que tem que ser combatido (18). Também associada à ideia de não controlo ou descontrolo está a metáfora da poderosa e destruidora FORÇA DA NATUREZA que, tipicamente, pode ajudar o Experienciador a vencer outras forças (19). O grande poder da raiva é mais frequentemente conceptualizado pela metáfora da ARMA (20).

(15) *Seguravam-no no cargo arames apenas – institucionalmente o Presidente, aliás **não imune** aos protestos e à temida **fúria** das gentes.* (Portugal, corta-fitas.txt)

(16) *Viu nos olhos dele uma **loucura** que nunca tinha visto antes. Uma **raiva incontrolável**. Viu nos olhos do filho uma **cegueira** sem retorno.* (Portugal, falarsobretudoemaisalgumacoisa.txt)

(17) *Com isto a **fúria** dobrou de tamanho. E o delegado escumava pela boca feito **fera do mato**.* (Brasil, jornaldecuaru.txt)

(18) *Apaixona-se por Carlos Daniel, onde **enfrentará a fúria** de Estephanie, a rivalidade com Leda e principalmente o ódio de Paola Bracho.* (Brasil, novelasebiografias.txt)

(19) *Você tem que ter a força de um leão e a **fúria de um***

vulcão para vencer, ou você acaba cedendo a eles. (Brazil, amoscaqueperturbaoteusono.txt)

(20) **Os alvos de seus ataques de fúria** são qualquer pessoa que se atreva a contestar suas *idéias mirabolantes e criticar sua maneira estapafúrdia de governar*. (Brasil, raimari9.txt)

A metáfora do Oponente numa luta serve também para conceptualizar orgulho, quer uma luta que deve ser combatida (21) quer uma luta a travar para vencer os oponentes (22). Também a metáfora da poderosa Força Física serve a conceptualização de orgulho, como em (23).

(21) *Em cada história há um apelo para que não esqueçamos os outros e para que não nos deixemos **tomar pela vaidade***. (Portugal, e-cultura.txt)

(22) É verdade que o post não era brilhante, talvez apenas mau, mas falta aqui um certo **orgulho lutador**: *quando se insulta há que insultar com pertinácia, com arrojo, com bravura* (Portugal, sinusitecronica.txt)

(23) *A tal **vaidade** e petulância vêm todas da mesma origem. De uma **nascente** que verte lama disfarçada, mas que se penetra em todos os cantos deste mundo* (Portugal, milrazoes.txt)

A conceptualização metafórica pode incidir não estritamente na emoção de raiva ou de orgulho, mas numa parte saliente da emoção, como é o caso do Corpo entendido como recipiente de raiva/orgulho e, por especificação, uma das suas partes, visível (olhos, rosto, voz, etc.), como nos exemplos dados acima (16), (17) e (12), ou interna (mente, peito, veias, etc.), como em (7) e (8).

Fazendo a análise da regressão logística das metáforas encontradas no corpus e sumariadas nas Tabelas 6 e 7 e tomando como variável dependente as duas variedades nacionais do português, a Tabela 8 apresenta as metáforas conceptuais de RAIVA e de ORGULHO que são estatisticamente preditores (cf. valor de *p*) da variação entre PE e PB. De notar que as metáforas RAIVA/ORGULHO É UM FLUIDO PRESSURIZADO E O CORPO É UM RECIPIENTE DE RAIVA/ORGULHO foram divididas entre metáforas FLUIDO_DENTRO, que conceptualizam o fluido dentro do corpo (QUENTE, SUBIDA, PRESSÃO, CONTRAPRESSÃO, CONTENÇÃO, DENTRO E ALMA, CORAÇÃO, COSTELAS, DOR, MENTE, SANGUE das Tabelas 6 e 7) e metáforas FLUIDO_FORA, que conceptualizam a saída ou explosão do fluido (as restantes submetáforas das duas metáforas conceptuais). Relativamente a ORGULHO, os exemplos de metáforas

personificadas foram divididos em dois grupos: pessoa positivamente avaliada (PESSOA_POSITIVO), correspondente a CORRETO, JUSTO, HONRA, PRINCESA e VÍTIMA da Tabela 7, e pessoa negativamente avaliada (PESSOA_NEGATIVO), correspondente às restantes submetáforas da mesma metáfora conceptual da Tabela 7.

Tabela 8. Análise de regressão logística das metáforas de RAIVA e ORGULHO: preditores da variação PE vs. PB

METÁFORA CONCEPTUAL		B	S.E.	p
RAIVA	fluído_fora	-.993	.489	.042
	insanidade	-1.050	.501	.036
	objeto	-1.008	.477	.035
	oponente	-1.067	.529	.044
ORGULHO	pessoa_positivo	1.118	.548	.041

Nota: PE foi codificado como 1 e PB como 0.

As quatro metáforas conceptuais de RAIVA estatisticamente significativas são preditores de PB. Raiva como FLUIDO que não pode ser contido dentro do corpo do Experienciador e, conseqüentemente, sai do corpo (PARA FORA), por vezes de forma violenta (EXPLOÇÃO); como loucura, distúrbio mental ou qualquer INSANIDADE; como Oponente perigoso; e como entidade física ou OBJETO, particularmente objeto VISÍVEL OU MOVENTE destacam três dimensões semânticas e culturais da emoção de raiva (mais precisamente, as três primeiras metáforas reforçam as duas primeiras dimensões e todas as quatro metáforas reforçam a terceira dimensão): (i) a não/des- regulação (não ativada ou malsucedida) do Experienciador sobre a sua própria emoção de raiva; (ii) o elevado grau de *intensidade* da emoção de raiva; e (iii) a expressão aberta, externamente perceptível (visível, audível) da emoção de raiva. Estas três dimensões combinam-se perfeitamente com o maior individualismo da cultura brasileira. Quer isto dizer que a cultura brasileira, por ser relativamente menos coletivista, é mais favorável à não contenção ou não repressão e à manifestação aberta, sem restrições e externamente perceptível de emoções intensas como a raiva. Embora a regressão logística não tenha indicado nenhuma metáfora como preditor de PE, é expectável que o maior coletivismo da cultura portuguesa leve os portugueses a regular e controlar mais a sua emoção de raiva para

assim evitar ou diminuir o conflito interpessoal e garantir a ordem e a harmonia sociais.

Em relação a orgulho, a metáfora conceptual *ORGULHO É UMA PESSOA BOA* é preditor de PE. Como se pode verificar na Tabela 7, acima, as submetáforas *PESSOA HONRADA (35/65)* e *PESSOA CORRETA (5/65)* são frequentes e produtivas no PE, em contraste com apenas 3/22 ocorrências no PB. É, pois, o PE quem mais se associa à conceptualização metafórica (e metonímica) de orgulho em termos de honra e dignidade e, dessa forma, a um orgulho justificável e bom, porque centrado não no eu, mas no outro. Quer isto dizer que o maior coletivismo da cultura portuguesa tende a associar orgulho, honra e dignidade e, deste modo, a avaliar positivamente o *orgulho pelo outro*.

6. IMPLICAÇÕES PARA O ESTUDO DAS EMOÇÕES E DAS LÍNGUAS

Destacamos três resultados principais do presente estudo empírico sustentado numa metodologia qualitativa e quantitativa multifatorial e multivariada sobre conceitos de emoção: (i) a variabilidade cultural de três diferentes emoções dentro de uma mesma língua pluricêntrica, nas suas duas principais variedades nacionais (PE e PB); (ii) a importância da metáfora conceptual na conceptualização e na variação intralinguística e cultural de emoções; e (iii) a influência de dimensões culturais, especialmente coletivismo vs. individualismo, distância hierárquica e honra, na conceptualização e na variação de conceitos de emoção.

PE e PB apresentam os mesmos *clusters* de traços semânticos de estruturação conceptual das emoções de raiva, orgulho e amor e as mesmas metáforas conceptuais de raiva e orgulho. No entanto, existem diferenças conceptuais e estas diferenças são culturalmente motivadas. O PB está mais associado ao tipo de raiva-queixume ou irritação, incontrolável por natureza, e às metáforas da raiva como fluido que sai de dentro do corpo e explode, como insanidade e como objeto visível, as quais acentuam a não regulação (ou desregulação) do Experienciador sobre a sua experiência emocional, o grau elevado de intensidade e a manifestação exteriorizada da emoção de raiva. O PB está mais próximo do orgulho de si mesmo, dando mais ênfase às realizações pessoais, aos atributos pessoais e às situações de êxito pessoal, e das metáforas do orgulho como objeto visível e valioso e como fluido externamente perceptível. O PB está mais associado ao amor-

-paixão, dando mais importância à própria experiência emocional e ao momento presente do que à relação amorosa e ao seu desenvolvimento no futuro. Estas associações são culturalmente motivadas pelo grau comparativamente maior de individualismo da cultura brasileira e pela emotividade característica do povo brasileiro: individualismo e emotividade que facilitam, e até promovem, a manifestação não restringida e aberta de emoções intensas e tipicamente negativas como a raiva e o orgulho e a afirmação do impulso, do desejo, do sucesso e do prazer individuais.

Em contrapartida, o PE está mais conectado com a raiva violenta causada por comportamentos imorais e violação de normas, com a raiva interpessoal resultante do comportamento de pessoas íntimas e com metáforas somáticas da raiva como fluido pressurizado dentro do corpo, mais controlável e de manifestação mais interna. O PE está mais associado ao orgulho pelo outro (membro da família ou do grupo) e a metáforas do orgulho como pessoa honrada e correta. O PE está mais associado ao amor triste ou trágico. Estas correlações estão em harmonia com a cultura portuguesa, relativamente mais coletivista e gregária, uma “cultura de fronteira” marcada pela procura de um Outro (Santos, 1993).

Esta variação cultural das emoções de raiva, orgulho e amor nas variedades PE e PB, que inclui quer a estruturação em *clusters* de traços quer a representação metafórica dos conceitos destas três emoções, traz uma evidência empírica à hipótese do condicionamento cultural das emoções, por natureza experiências fisiológicas corporais. Alguns estudos de psicologia social e de linguística cognitiva têm mostrado o papel importante da cultura na conceptualização das emoções em diferentes línguas. O presente estudo mostra que variação conceptual das emoções culturalmente influenciada ocorre também dentro da mesma língua e, assim, em realidades linguísticas em que as diferenças de conceptualização cultural são mais subtis. Quer isto dizer que o estudo da natureza social e cultural das emoções deve considerar não apenas a variação interlinguística, mas também a variação intralinguística e a diversidade sociolinguística. Num plano de maior problematização dos estudos linguísticos, psicológicos ou outros sobre as emoções, não só a comparação entre línguas (muito) distintas como também a comparação entre variedades nacionais (ou locais) de

uma mesma língua podem linguisticamente evidenciar a natureza *culturalmente específica* das emoções e, pelo menos, questionar a hipótese tradicional, continuamente reafirmada, da universalidade dos conceitos de emoção.

Um segundo contributo do presente estudo é a comprovação empírica, através de métodos estatísticos multivariados, da interação entre emoção, linguagem, cognição e cultura e, num plano mais geral, da interdependência entre linguagem, cognição e cultura, que tem sido explorada pela Linguística Cognitiva. Estudar a linguagem das emoções permite compreender melhor quer a linguagem quer a cognição. As emoções mostram como a linguagem manifesta e se fundamenta em capacidades cognitivas gerais, processos de conceptualização e na experiência humana tanto individual como social, cultural e histórica. As emoções mostram também como a cognição é não só *corporizada* (“embodied cognition”) como também socioculturalmente *situada* (“situated cognition”), isto é, mentes individuais e processos cognitivos são configurados por interações sociais e culturais. A variabilidade cultural das emoções, ou a situacionalidade sociocultural das experiências emocionais, é, assim, uma excelente evidência para as hipóteses mais recentes das neurociências e das ciências cognitivas, especialmente as hipóteses do *cérebro social*, da *mente coletiva* e da *cognição social*. Mais especificamente, as experiências emocionais, a sua conceptualização, a sua variação cultural e a sua expressão linguística mostram como se faz a síntese entre o individual e o coletivo, o neuronal e o cultural, o cognitivo e o social, a mente e a comunidade.

Finalmente, o presente estudo de *corpus* e de perfis onomasiológicos, aplicando métodos multifatoriais e estatísticos multivariados, sobre a variação intralinguística e cultural de emoções pretende acrescentar um contributo a dois desenvolvimentos complementares da Linguística Cognitiva na última década: a chamada *viragem social*, defendida por Geeraerts (2005, 2016), Croft (2009), Harder (2010), Dąbrowska (2016), Schmid (2016), entre outros, que tem levado a Linguística Cognitiva a integrar na sua agenda todas as formas de variação linguística e cultural, com destaque para a variação intralinguística e o desenvolvimento da Sociolinguística Cognitiva (Kristiansen e Dirven, 2008; Geeraerts, *et al.*, 2010; Silva, 2014), e a designada *viragem empírica* (Geeraerts, 2006; Gries e Stefanowitsch, 2006) assumida como consequência inevitável

do modelo de linguagem em uso e implementada através de métodos quantitativos avançados quer de *corpus* quer de experimentação e de uma análise multifatorial e multivariada dos fenômenos linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, A. (2007). *A cabeça do brasileiro*. Record.

Athanasiadou, A., & Tabakowska, E. (Eds.). (1998). *Speaking of emotions: Conceptualisation and expression*. De Gruyter Mouton.

Augoustinos, M., Walker, I., & Donaghue, Ng. (2006). *Social cognition: An integrated introduction*. Sage.

Bernárdez, E. (2008). *El Lenguaje como cultura. Una crítica del discurso sobre el lenguaje*. Alianza Editorial.

Castro-Caldas, A., Mineiro, A., Nunes, M., Silva, A., & Fernandes, S. (2009). A emoção: Um vector neurobiológico a motivar a emergência das metáforas náuticas dos marinheiros dos descobrimentos. In Soares, M., Venturinha, N., Costa Santos, G., & Faustino, M. (Eds.), *Expressões da Analogia* (pp. 83-91). Edições Colibri.

Croft, W. (2009). Toward a social cognitive linguistics. In Evans, V., & Pourcel, St. (Eds.), *New directions in cognitive linguistics* (pp. 395–420). John Benjamins.

D'Andrade, R. (1987). A folk model of the mind. In Holland, D., & Quinn, N. (Eds.), *Cultural models in language and thought* (pp. 112-147). Cambridge University Press.

Damásio, A. (1995). *O Erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. Publicações Europa-América.

Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si. O corpo, a emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Publicações Europa-América.

Damásio, A. (2004). Emotions and feelings: A neurobiological perspective. In Manstead, A., Frijda, N., & Fischer, A. (Eds.), *Studies in emotion and social interaction. Feelings and emotions: The Amsterdam Symposium* (pp. 49-57). Cambridge University Press.

Damásio, A. (2017). *A estranha ordem das coisas. A via, os sentimentos e as culturas humanas*. Círculo de Leitores.

- Dąbrowska, E.** (2016). Cognitive Linguistics' seven deadly sins. *Cognitive Linguistics*, 27 (4), 479–491.
- Divjak, D.** (2010). *Structuring the lexicon: A clustered model for near-synonymy*. De Gruyter Mouton.
- Edelman, G.** (1992). *Bright air, brilliant fire: On the matter of the mind*. Basic Books.
- Eid, M., & Ed D.** (2001). Norms for experiencing emotions in different cultures: Inter- and intranational differences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(5), 869–885.
- Ekman, P.** (1972). Universals and cultural differences in facial expressions of emotions. In Cole, J. (Ed.). (1971). *Nebraska Symposium on Motivation* (pp. 207-283). University of Nebraska Press.
- Ekman, P.** (1992). An argument for basic emotions. *Cognition and Emotion*, 6 (3/4), 169-200.
- Fillmore, Ch.** (1985). Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, 6, 222-254.
- Fiske, S., & McCrae, N. (Eds.)**. (2012). *The Sage Handbook of Social Cognition*. Sage.
- Foolen, Ad.** (2012). The relevance of emotion for language and linguistics. In Foolen, Ad., Lüdtke, U., Racine, T., & Zlatev, J. (Eds.), *Moving ourselves, moving others: Motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language* (pp.347-368). John Benjamins.
- Foolen, Ad., Lüdtke, U., Racine, T., & Zlatev, J. (Eds.)**. (2012). *Moving ourselves, moving others. Motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language*. John Benjamins.
- Fontaine, J., Scherer, K., & Soriano, Cr. (Eds.)**. (2013). *Components of emotional meaning. A sourcebook*. Oxford University Press.
- Fontaine, J., & Scherer, K.** (2013). From emotion to feeling: The internal structure of the feeling component. Fontaine, J., Scherer, K., & Soriano, Cr. (Eds.), *Components of emotional meaning. A sourcebook* (pp. 129-148). Oxford University Press.
- Frank, R.; Dirven, R.; Ziemke, T., & Bernárdez, E. (Eds.)**. (2008). *Body, language, and mind, 2. Sociocultural situatedness*. De Gruyter Mouton.

- Freyre, G.** (1933). *Casa-Grande & Senzala*. Record.
- Fusaroli, R., Demuru, P., & Borghi, A. (Eds.)**. (2012). The intersubjectivity of embodiment. Thematic issue of *Journal of Cognitive Semiotics*, 4, 1–250.
- Gallagher, Sh.** (2005). *How the body shapes the mind*. Oxford University Press.
- Gallagher, Sh.** (2012). *Phenomenology*. Palgrave-MacMillan.
- Gallagher, Sh.** (2017). *Enactivist interventions. Rethinking the mind*. Oxford University Press.
- Geeraerts, D.** (1989). Prospects and problems of prototype theory. *Linguistics*, 27, 587-612.
- Geeraerts, D.** (2005). Lectal variation and empirical data in cognitive linguistics. In Mendoza, F., & Cervel, S. (Eds.), *Cognitive Linguistics. Internal dynamics and interdisciplinary interactions* (pp. 163-189). De Gruyter Mouton.
- Geeraerts, D.** (2006). Methodology in Cognitive Linguistics. In Kristiansen, G., Achard, M., Dirven, R., & Mendoza, F. (Eds.), *Cognitive Linguistics. Current applications and future perspectives* (pp. 21-49). De Gruyter Mouton.
- Geeraerts, D.** (2016). The sociosemiotic commitment. *Cognitive Linguistics*, 27 (4), 527–542.
- Geeraerts, D., Grondelaers, St., & Bakema, P.** (1994). *The structure of lexical variation. Meaning, naming, and context*. De Gruyter Mouton.
- Geeraerts, D., & Grondelaers, St.** (1995). Looking back at anger: Cultural traditions and metaphorical patterns. In Taylor, J. & MacLaury, R. (Eds.), *Language and the construal of the world* (pp. 153-180). De Gruyter Mouton.
- Geeraerts, D., Kristiansen, G., & Peirsman, Y. (Eds.)**. (2010). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. De Gruyter Mouton.
- Gibbs, R.** (2006). *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge University Press.
- Glenberg, A., Havas, D., Becker, R. & Rinck, M.** (2005). Grounding language in bodily states: The case for emotion. In Pecher, D., & Zwaan, R. (Eds.),

Grounding cognition: The role of perception and action in memory, language, and thought (pp. 115-128). Cambridge University Press.

Glynn, D. (2014). The social nature of ANGER. Multivariate corpus evidence for context effects upon conceptual structure. In Blumenthal, P., Novakova, I., & Siepmann, D. (Eds.), *Les émotions dans le discours. Emotions in discourse* (pp. 69-82). Peter Lang.

Goossens, L. (1990). Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, 1 (3), 323–340.

Gries, St. (2003). *Multifactorial analysis in corpus linguistics: A study of particle placement*. Continuum Press.

Gries, St. (2010). Behavioral profiles. A fine-grained and quantitative approach in corpus-based lexical semantics. *The Mental Lexicon*, 5(3), 323–346.

Gries, St. & Stefanowitsch, A. (Eds.). (2006). *Corpora in Cognitive Linguistics. Corpus-based approaches to syntax and lexis*. De Gruyter Mouton.

Harder, P. (2010). *Meaning in mind and society. A functional contribution to the social turn in cognitive linguistics*. De Gruyter Mouton.

Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Sage.

Hofstede, G. (2001). *Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions, and organizations across nations*. Sage.

Hollanda, S. (1936). *Raízes do Brasil*. José Olympio.

Kövecses, Z. (1986). *Metaphors of Anger, Pride, and Love. A lexical approach to the structure of concepts*. John Benjamins.

Kövecses, Z. (1990). *Emotion concepts*. Springer.

Kövecses, Z. (2000). *Metaphor and emotion: Language, culture, and body in human feeling*. Cambridge University Press.

Kristiansen, G., & Dirven, R. (Eds.). (2008). *Cognitive Sociolinguistics: Language variation, cultural models, social systems*. De Gruyter Mouton.

Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. The University of Chicago Press.

- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. Basic Books.
- Lakoff, G., & Kövecses, Z.** (1987). The cognitive model of anger inherent in American English. In y Holland, D., & Quinn, N. (Eds.), *Cultural models in language and thought* (pp. 195-221). Cambridge University Press.
- Ledoux, J.** (1996). *The emotional brain. The mysterious underpinnings of emotional life*. Simon & Schuster.
- Lutz, C.** (1987). Goals, events, and understanding in Ifaluk emotion theory. In Holland, D., & Quinn, N. (Eds.), *Cultural models in language and thought* (pp. 290-312). Cambridge University Press
- Izard, C.** (1977). *Human emotions*. Plenum Press.
- Izard, C.** (1994). Innate and universal facial expressions: Evidence from developmental and cross-cultural research. *Psychological Bulletin*, 115(2), 288–299.
- Markus, H., & Kitayama, Sh.** (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion and motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224–253.
- Matsumoto, D., Yoo, S., & Chung, J.** (2010). The expression of anger across cultures. In Potegal, M., Stemmler, G., & Spielberger, Ch. (Eds.), *International Handbook of Anger: Constituent and concomitant biological, psychological, and social processes* (pp. 125-138). Springer.
- Mesquita, B., Frijda, N., & Scherer, K.** (1997). Culture and emotion. In Berry, J., Dasen, P., & Saraswathi, T. (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology. (Vol. 2) Basic processes and human development* (pp. 255-297). Allyn & Bacon.
- McGeoch, P.** (2007). Apraxia, metaphor and mirror neurons. *Medical Hypothesis*, 69(6), 1165-1168.
- Niemeier, S., & Dirven, R. (Eds.).** (1997). *The Language of emotions: Conceptualization, expression, and theoretical foundation*. John Benjamins.
- Ogarkova, A., & Soriano, Cr.** (2014). Variation within universals: The 'metaphorical profile' approach and ANGER concepts in English, Russian and Spanish. In Musolff, A., MacArthur, F., & Pagani, G. (Eds.), *Metaphor in intercultural communication*, 93-116. Continuum.

- Palmer, G., & Occhi, D.** (1999). *Languages of Sentiment: Cultural Constructions of Emotional Substrates*. John Benjamins.
- Pishwa, H. (Ed.)**. (2009). *Language and Social Cognition. Expression of the social mind*. De Gruyter Mouton.
- Real, M.** (2017). *Traços fundamentais da cultura portuguesa*. Planeta.
- Rezende, Cl., & Coelho, M. Cl.** (2010). *Antropologia das emoções*. Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Russel, J.** (1991). Culture and the categorization of emotions. *Psychological Bulletin* 110(3), 426–450.
- Santos, B.** (1993). Modernidade, identidade e cultura de fronteira. *Tempo Social*, 5 (1/2), 31–52.
- Schmid, H.-J.** (2016). Why Cognitive Linguistics must embrace the social and pragmatic dimensions of language and how it could do so more seriously. *Cognitive Linguistics*, 27(4), 543–557.
- Silva, A.** (2020). Exploring the cultural conceptualization of emotions across national language varieties: A multifactorial profile-based account of PRIDE in European and Brazilian Portuguese. *Cognitive Linguistics*, 18(1), 42–74.
- Silva, A.** (2021). Measuring the impact of (non)figurativity in the cultural conceptualization of emotions in the two main national varieties of Portuguese. In Silva, A. (Ed.), *Figurative language – Intersubjectivity and Usage* (pp. 387-438). John Benjamins.
- Silva, A. (Ed.)**. (2014). *Pluricentricity. Language variation and sociocognitive dimensions*. De Gruyter Mouton.
- Soriano, Cr.** (2005). *The conceptualization of anger in English and Spanish: A cognitive approach*. (Dissertação de Doutorado, Universidade de Múrcia, Espanha).
- Soriano, Cr.** (2013). Conceptual metaphor theory and the GRID paradigm in the study of anger in English and Spanish. In Fontaine, J., Scherer, K., & Soriano, Cr. (Eds.), *Components of emotional meaning. A sourcebook* (pp. 410-424). Oxford University Press.
- Stefanowitsch, A.** (2006). Corpus-based approaches to metaphor and metonymy. In Stefanowitsch, A., & Gries, St. (Eds.), *Corpus-based*

approaches to metaphor and metonymy (pp. 1-16). De Gruyter Mouton.

Taylor, J. (1995). *Linguistic categorization. Prototypes in linguistic theory* (2nd ed). Clarendon Press.

Tomasello, M. (2008). *Origins of human communication*. MIT Press.

van Osch, Y., Breugelmans, S., Zeelenberg, M., & Fontaine, J. (2013). The meaning of pride across cultures. In Fontaine, J., Scherer, K., & Soriano, Cr. (Eds.), *Components of emotional meaning. A sourcebook* (pp. 377-387). Oxford University Press.

Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (1991). *The embodied mind*. MIT Press.

Wierzbicka, A. (1999). *Emotions across languages and cultures: Diversity and universals*. Cambridge University Press.

Yu, N. (1995). Metaphorical expressions of anger and happiness in English and Chinese. *Metaphor and Symbolic Activity*, 10(2), 59–92.

Zlatev, J., Racine, T., Sinha, Cr., & Esa Itkonen, E. (Eds.). (2008). *The shared mind: Perspectives on intersubjectivity*. John Benjamins.